

Contar histórias das pessoas negras: experiências intergeracionais vivenciadas em um terreiro de candomblé

Kaliana Oliveira da Hora¹ 

RESUMO

O artigo resulta de um relato de experiência intergeracional sobre contar histórias das pessoas negras em um terreiro de candomblé/Escola Agrícola Comunitária Margarida Alves (EACMA), localizado na Rodovia Ilhéus/Uruçuca - BA - Km 06- zona rural. O trabalho possui o objetivo de demonstrar como as histórias sensibilizam para o respeito às diferenças, a solidariedade, a identidade e a valorização da relação entre pessoas idosas e as crianças, entre as velhices e as infâncias negras. Durante o processo, foram indicados quais livros serviram de repertório para as contações, compreendendo que as obras podem servir aos artistas das palavras e educadores em seus próprios processos de narração. Também apresenta a recepção do público presente frente às histórias.

Palavras-chave: Contação de história, Infância negra, Pessoas idosas, Práticas humanizadoras.

Telling Black people's stories: intergenerational experiences lived in a Candomblé terreiro

ABSTRACT

This article is a report on an intergenerational experience of telling Black stories in a Candomblé terreiro/Margarida Alves Community Agricultural School (EACMA) located on the Ilhéus/Uruçuca Highway, Bahia, Km 6, in a rural area. The work aims to demonstrate how stories raise awareness of respect for differences, solidarity, identity, and the appreciation of the relationship between older adults and children, and between old age and Black childhood. During the process, books were selected as repertoire for the storytelling, understanding that these works can serve wordsmiths and educators in their own storytelling processes. It also presents the audience's reception of the stories.

Keywords: Storytelling, Black childhood, Older adults, Humanizing practices.

Contando historias de personas negras: experiencias intergeneracionales vividas en un terreiro de Candomblé

RESUMEN

Este artículo relata una experiencia intergeneracional de narración de historias negras en un terreiro de Candomblé/Escuela Agrícola Comunitaria Margarida Alves (EACMA), ubicada en la Carretera Ilhéus/Uruçuca, Bahía, Km 6, en una zona rural. El trabajo busca demostrar cómo las historias concientizan sobre el respeto a las diferencias, la solidaridad, la identidad y la valoración de la relación entre adultos mayores y niños, y entre la vejez y la infancia negra. Durante el proceso, se seleccionaron libros como repertorio para la narración, entendiendo que estas obras pueden servir a los creadores de palabras y educadores en sus propios procesos narrativos. También presenta la recepción de las historias por parte del público.

Palabras clave: Narración; Infancia negra; Adultos mayores; Prácticas humanizadoras.

¹ Mestra em História Local pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) e Especialista em Narração artística: caminhos para contar Histórias pela Faculdade Conectada (FACONNECT) / A Casa Tombada. Professora na Secretaria de Educação do Estado da Bahia (SEC-BA), Salvador, Bahia, Brasil. Endereço para correspondência: Rua Tubarão, 280, casa, Praia do Farol, Alcobaça, Bahia, Brasil, CEP: 45910000. E-mail: kalianaolivero10@gmail.com.



INTRODUÇÃO

O presente trabalho relata a experiência de contar histórias no terreiro de candomblé, também conhecido como Casa de Oyá, em parceria com a Escola Agrícola Comunitária Margarida Alves (EACMA). A casa e a EACMA estão localizadas na Rodovia Ilhéus/Uruçuca - BA - Km 06 - zona rural.

A Casa de Oyá iniciou suas atividades em 2015, e além dos cuidados espirituais, tem como missão promover a valorização da cultura e história afro-brasileira, a partir de práticas e execução de projetos voltados à preservação ambiental, à organização comunitária e às sociabilidades geracionais e de gênero respeitosas. Já a EACMA iniciou suas atividades em 16 de fevereiro de 1997. Inicialmente ofertou o Ensino Fundamental para estudantes do campo. Em 2015, tornou-se uma instituição voltada para a promoção de cursos livres em agroecologia, proteção às mulheres e às infâncias e valorização da cultura afro-brasileira. Atualmente a escola tem passado por um processo de revitalização e tem prestado apoio à Casa de Oyá que enfrenta alguns desafios na construção do terreiro. Loyá Barin, Yalorixá da Casa de Oyá e membro da Escola Agrícola Comunitária Margarida Alves, pediu que fossem contadas histórias que valorizassem o encontro entre crianças e pessoas idosas em 24 de outubro de 2024.

A Yalorixá direcionou o pedido a mim por ser membro da Escola Agrícola Comunitária Margarida Alves e filha da Casa de Oyá desde 2017, escritora, educadora e aprendiz de contação de história. Sou autora do projeto *Conta, preta, conta!*. Criei esse projeto com o propósito de colaborar com a valorização da cultura e história afro-brasileira a partir da escrita e da oralidade. Desde 2019, passei a divulgar no *Instagram*, @contapretaconta e em coletâneas produções de autoria negra, crônicas, contos e micro contos. Em 2021, lancei o livro independente e infanto-juvenil, *O céu de Carol*, e estou prestes a lançar o *Céu de Carol e outras histórias de coragem*. Em 2024, lancei, no *Spotify*, o podcast *Conta, preta, conta!*. Além disso, realizei palestras em escolas, mediei rodas de conversas e participei de Feiras Literárias.

Aos poucos, contar histórias se tornou uma demanda, pois era requisitada em espaços culturais e educativos para momentos de contação. Decidi estudar narração artística e, desde então, tenho me aventurado na prática de contar histórias. Selecionei livros que valorizavam o protagonismo literário negro considerando: o pedido da Yalorixá e a prática de contar história





como ação humanizadora que, nesse contexto, colaborava com a valorização do protagonismo negro infanto-juvenil, o respeito e o apreço aos mais velhos(as)².

Durante a pesquisa e escolha dos livros, mantive conversa com Ananda Luz, mediadora de leitura e pesquisadora dos livros para infâncias, e Miriam Oliveira, contadora de histórias. Elas auxiliaram na escolha das seguintes obras: *Exu*, escrito e ilustrado por Tarcísio Ferreira e publicado pela editora Aruanda em 2022; *Os velhos e sua sabedoria*, presente no livro *A África recontada para crianças*, de autoria de Avani Souza Silva, publicado pela editora Martin Claret em 2020; *A neta de Anita* de autoria de Alexandre Rampazo e Anderson de Oliveira (ilustrador), editora Mazza Edições em 2017; e *Os sete novelos: um conto de Kwanza*, publicado em 2005, escrito por Angela Shelf Medearis, escritora, educadora e contadora, e ilustrado por Daniel Minter, ilustrador de livros infantis, educador e líder comunitário.

O que contar? Como contar? Por que contar? São questões que nortearam a experiência de contar histórias. Contar histórias inclusivas, histórias protagonizadas por pessoas negras e histórias que valorizam as pessoas idosas e sua sabedoria, no dia em que celebramos a infância, no terreiro de candomblé, é parte de um projeto que vai na contramão do idadismo (Brasil, 2024) e maus tratos aos idosos e visibiliza práticas de valorização dos mais velhos e das mais velhas.

Conforme o Disque 100, em 2024, (Brasil, 2025), a maioria das denúncias acusando negligência e maus tratos atingiram crianças e adolescentes (289,4 mil) e pessoas idosas (179,6 mil). O que se torna um desafio ainda maior para um país em que o número de pessoas idosas tem aumentado. Segundo dados do IBGE (Gomes; Britto, 2023), em 2022, o número de pessoas idosas no Brasil era de 22.169.101, ou seja, 10,9% da população, com aumento de 57,4% frente a 2010.

Talvez haja uma fragilização das relações intergeracionais que podem ser fortalecidas a partir da oralidade, que pode ser oportunizada pela/nas contações de histórias, contribuindo para o cuidado da pessoa e de sua memória, frente ao desafio do aumento das violências sofridas por crianças e pessoas idosas no Brasil.

Contar as histórias escolhidas no terreiro de candomblé é também criar espaços para crianças, em especial para que crianças negras partilhem experiências que favoreçam o desenvolvimento do protagonismo, do enfrentamento dos problemas, da capacidade de se

² Nos terreiros de candomblé, o mais velho ou a mais velha é considerado(a) uma pessoa sábia. É motivo de honra ser chamado de mais velho ou de mais velha nas casas de axé. No âmbito das políticas públicas, alguém com idade igual ou superior a sessenta anos é chamada de pessoa idosa. Ciente dos dois modos de referir, às vezes, farei referência à pessoa idosa, e em outras, aos mais velhos e às mais velhas, pois entendo as duas formas como parte das minhas vivências enquanto pesquisadora e candomblecista.





solidarizar em diferentes situações e novos desafios, como orienta Kiusam de Oliveira e Joelma Trancoso (2020). Nessa perspectiva, a contação de histórias ocorre com o propósito de ser: humanizadora porque o exercício dessa convivência nos torna o objeto virtuoso do próprio exercício da contação: “[...] introjetamos o conteúdo moral e levamos conosco as experiências éticas para novas experiências” (Ramos, 2010 p. 91).

Trata-se de contar história reconhecendo seu caráter ético, político e poético, e almejando posturas reconhecedoras das crianças e das pessoas idosas como sujeitos de direitos. Segundo o Art. 9º do *Estatuto da Igualdade Racial* (Brasil, 2010), a população negra tem o direito de participar de práticas culturais e educacionais que estejam conforme seus interesses e contribuam com o patrimônio cultural de sua comunidade. No Art. 5º do *Estatuto da Criança e do Adolescente* (Brasil, 1990), é negada qualquer forma de negligência, discriminação, omissão e violência contra as crianças. Negar às crianças negras histórias valorizadoras da sua ancestralidade, autoestima e identidade é uma violência. No *Estatuto da Pessoa Idosa* (Brasil, 2010), no Art. 8º, o envelhecimento é um direito personalíssimo e a proteção de quem envelhece um direito social.

Selecionei histórias ciente que “[...] não apenas um conteúdo moral é trabalhado, mas uma postura atitudinal é construída a partir da família e das outras instituições sociais ou mesmo outros empreendimentos socioeducativos” (Ramos, 2010, p. 95). Nesse relato de experiência, o texto apresenta a sinopse dos livros, dos quais extraí e adaptei histórias, a contação de histórias no terreiro, bem como a partilha de valores vivenciados em um espaço comum entre quem conta e quem escuta.

Figura 1 - Começando a gira de histórias – Ilhéus – BA



Fonte: Acervo pessoal da Casa de Oyá (2024).





Figura 2 - Festa de erê: dia de agradecer - Ilhéus - BA³



Fonte: Acervo pessoal da Casa de Oyá (2024).

Figura 3 - Mesa do Caruru - Ilhéus - BA



Fonte: Acervo pessoal da Casa de Oyá (2024).

³ As fotos das figuras 2 a 12 são de autoria de Iajima Silena.





Figura 4 - Yalorixá da Casa de Oyá - Ilhéus – BA



Fonte: Acervo pessoal da Casa de Oyá (2024).

AS HISTÓRIAS E OS LIVROS

As histórias nos livros foram adaptadas para criação de uma gira de histórias iniciada com a história de *Exu* (Ferreira, 2022), escolhida para ser a primeira contada considerando que no terreiro os trabalhos se iniciam após saudá-lo, visto que Exu é orixá regente nos rituais de Candomblé. O conto africano *Os velhos e sua sabedoria* (Silva, 2020) foi a segunda história contada, fazendo conexão com a anterior, pois nas duas existem velhos sábios. A terceira história contada foi *Os sete novelos: um conto de Kwanza* (Medearis, 2005). Essa, assim como a anterior, acontece em território africano. E por fim, *A Neta de Anita* (Oliveira; Rampazo, 2017); nessa história, os velhos deixam a cena e a velha ganha destaque como uma senhora sábia. Ela colabora com a autonomia de Tainá, uma criança com deficiência visual.

Segue a sinopse de cada um dos livros:

Exu

Na história, Exu adorava passear por dunas e florestas com sua amiga, Lalu. Exu é apresentado como uma criança querida, brincalhona e atenciosa. Um dia Exu e Lalu despertam





de um sono, seguem uma pomba e encontram o velho Oxalá. Orientado por Oxalá, Exu ajuda Oxalá a fazer os homens, aprende os segredos da humanidade e ganha o domínio das encruzilhadas.

Os velhos e sua sabedoria

Nesse conto angolano, o Soba, chefe da comunidade, decidiu mandar todos os velhos da aldeia embora, pois queria governar sem interferência e conselho das pessoas idosas. Um sobrinho escondeu o tio já idoso na mata. Um dia, uma cobra se enrolou no pescoço do Soba enquanto ele dormia. Ele ficou dias desesperado, paralisado, sem comer e sem beber. O velho, quando soube do ocorrido, ensinou ao sobrinho o que fazer. O Soba, salvo, presenteou o tio do jovem e permitiu que o tio vivesse como um Soba reconhecendo, desse modo, sua sabedoria.

Os sete novelos: um conto de Kwanza

O livro conta a história de sete irmãos que, para desgosto do pai, já idoso, vivem brigando em uma aldeia em Gana. Quando o pai morre, os garotos são desafiados a transformar fios de seda em ouro até o final do dia. Caso não cumprissem o desafio e continuassem brigando, eles seriam obrigados a entregar sua herança aos pobres da aldeia. Os irmãos deram uma trégua. Movidos pelos princípios de Kwanza – Umoja (unidade), Kujichagulia (autodeterminação), Ujima (trabalho coletivo e responsabilidade), Ujamaa (cooperação econômica), Nia (motivo), Kuumba (criatividade) e Imani (fé) – conseguiram transformar os fios de seda em lindos tecidos axantes, mantiveram suas riquezas, fizeram as pazes e partilharam seus saberes com a comunidade de modo que todos se tornaram prósperos.

A neta de Anita

A obra conta a história de Anita e sua neta. Anita morava com sua neta, Tainá, em uma aldeia. Ela cuidava da menina e lhe ensinava muitas coisas. Um dia Anita percebeu: a neta estava agoniada. Tainá foi discriminada por ser negra e deficiente visual. Anita acolheu Tainá com histórias. Certo dia, através de uma escritora deficiente visual, a neta de Anita conheceu o Braille e aprendeu a ler e escrever.

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO TERREIRO DE CANDOMBLÉ E NA EACMA

Durante o planejamento da contação, criei momentos de intimidade com as histórias, construí entonações de voz, diálogos e gestos que colaboraram para gerar conexões entre mim





e o público. A contação de história acontece em um espaço compartilhado entre quem conta e quem escuta. O Giuliano Tierno irá chamar esse espaço de relação de encontro:

Encontro definido aqui como espaço metafórico em que narrador e ouvinte habitam ao mesmo tempo. Não é o lugar do narrador. Não é o lugar do ouvinte. É um terceiro lugar, um lugar ainda vazio, que será habitado pela primeira vez, por ambos, no instante presente da história narrada (Tierno, 2010, p. 22).

Nessa perspectiva, quando narrei as histórias, surgiram diferentes interações do público formado por crianças, adultos, idosos e divindades infantis⁴.

Figura 5 - Crianças, jovens e adultos escutam a contação de histórias - Ilhéus- BA



Fonte: Acervo pessoal da Casa de Oyá (2024).

Figura 6 - Lara atenta às histórias - Ilhéus - BA

⁴ Divindades infantis também são conhecidas como êres. Conforme Kileuy e Oxaguiã (2009, p. 327), “O Erê é a divindade infantil que todos iniciados possuem. Seu nome deriva do ioruba *asiwere*, que possui o significado de louco ou maluco. Estas palavras, entretanto, precisam ter uma interpretação mais amena porque se referem tão-somente ao comportamento de crianças de pouca idade”.





Fonte: Acervo pessoal da Casa de Oyá (2024).

Realizei o convite para que ouvissem as histórias a partir de um poema cantado criado por mim para o momento de abertura das contações. O poema é acompanhado pelo som do caxixi e diz assim:

Vem cá, história.
Vem me contar
dos povos daqui
dos povos de lá.
Será que ela vem?

Vem cá, história.
Quero aprender
Brincar e sorrir
Com você
Será que ela vem?

Vem cá, história
Presta atenção
Prometo que escuto
com o coração
Será que ela vem?

Quando canto o poema, costumo me exercitar um pouco mais para que as pessoas interajam comigo. No terreiro não foi necessário, as pessoas batiam palmas ritmadas e a cada “Será que ela vem?”, elas respondiam em coro: “Vem!”. Atribuo a interação com as práticas musicais de um terreiro: há quem puxa o canto, quem responde e quem responde também bate





palma. Nessa perspectiva, contar histórias em um terreiro de candomblé é diferente da contação em outros lugares. Já que são espaços onde o sagrado das palavras se revela nos corpos, na vontade, ressoa um individual, responde um coletivo.

Quando contei a história de Exu, com destaque para a escolha de abrir a gira de histórias saudando quem come primeiro, o espaço foi tomado por palmas, risos e alegria. Afinal, em um terreiro de candomblé, os trabalhos são iniciados a partir dos rituais consagrados a Exu. Já a história, *Os velhos e sua sabedoria* causou silêncio, espanto e tristeza, pois, embora um dos velhos expulsos da aldeia tenha retornado para aldeia e reconhecido como uma pessoa sábia, a atitude de expulsar os idosos de uma aldeia foi reprovada pelo público que, em sua maioria, pertencia ou simpatizava, com religiões de matriz africana que valorizam os mais velhos e as mais velhas.

Figura 7 - Contando a história *Exu* - Ilhéus – BA



Fonte: Acervo pessoal da Casa de Oyá (2024).

A contação da história da *Neta de Anita* foi acompanhada de descobertas: a neta de Anita, Tainá, é deficiente visual e o cão dela é o seu guia; há uma história dentro da história. Gerou tristeza descobrir que Tainá não sabia ler; e alegria descobrir que a menina aprendeu a ler em Braille. Suscitou tristeza e vontade de choro interrompida pela intervenção muito bem-vinda de uma criança, pois a *Festa de erê: dia de agradecer* é um lugar de celebrar a infância e a alegria. Dias após, pessoas me procuraram nas redes sociais para pedir o nome do livro. A





ideia era utilizá-lo em escolas. Outras pessoas me pediram livros emprestados. Contar essa e outras histórias colaborou com uma nova atitude para o ouvinte, bem como com a ampliação da circulação literária das obras.

No momento em que foi narrada a briga entre os irmãos, durante a contação da história *Os sete novelos: um conto de Kwanzaa*, dois pré-adolescentes interagiram por meio de questionamentos: “Para quê brigar?”, “Era só dividir”. Ao final da contação, as crianças, os erês, os convidados, os mais velhos e mais novos vibraram. Uma das crianças parecia ter encontrado a fórmula para enriquecer. Ela perguntou entusiasmada: “Todo mundo ficou rico?!”.

Todos foram muito prósperos!, respondi. Deixei o local da contação. Uma divindade infantil viu um rapaz usando uma roupa com um tecido parecido com o tecido axante mencionado na história. Ela disse: “Olha... a roupa dele é igual ao tecido da história. Dá para vender e ganhar ô ô (dinheiro). Mas, se ele vender a roupa, fica pelado. Sua roupa também, da mãe, dá para vender e ganhar ô ô”. Sorri e contei: Eu uso o vestido para contar histórias. A erê replicou: “Morde o pirulito da mãe. Pede ô ô para comprar vestido para contar história”. A partir do que ouvi do público, decidi carregar as memórias daquele dia comigo, bem como o livro que propiciou aquela experiência. *Os sete novelos: um conto de Kwanzaa* era mais um livro que atendia ao que foi solicitado, mas depois da contação, passou a ser uma história querida para nossa comunidade. Um nutriente ao nosso desejo de prosperidade coletiva.

Figura 8 - Contando *Os sete Novelos: um conto de Kwanzaa* - Ilhéus – BA



Fonte: Acervo pessoal da Casa de Oyá (2024).



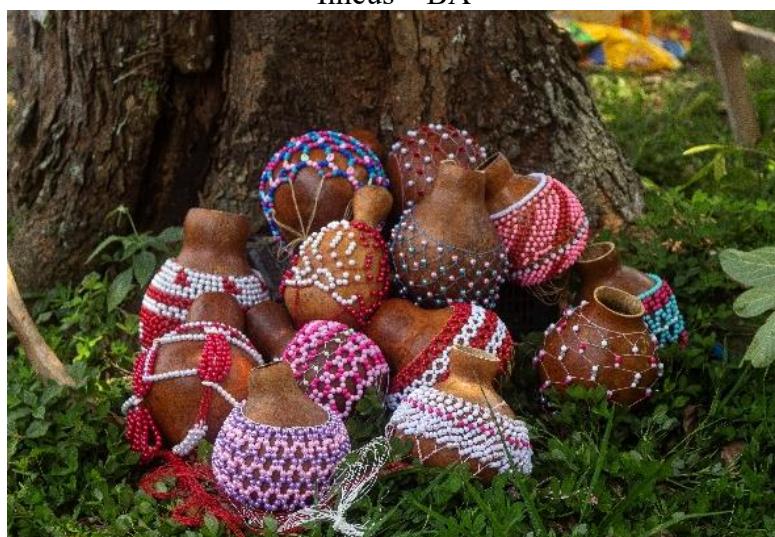


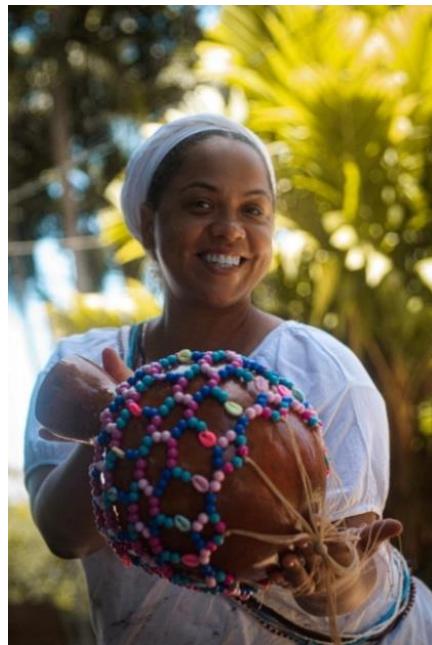
Uma erê, que me pediu para morder um doce e fazer um pedido após relacionar a história dos sete novelos ao cotidiano, simboliza a criatividade, a fé e a vontade de cooperar para que um membro da comunidade continue a contar histórias e difundir valores com os quais nos identificamos. Compartilhamos a alegria de saber: ao pôr em prática valores como a união, criatividade, autodeterminação e cooperação, os irmãos mantiveram sua herança e tornaram seu povo mais próspero.

Quando encontrei com a história, deparei-me, mais uma vez, com a experiência da diáspora africana, não da diáspora que reduz a história do povo africano e seus descendentes a migração forçada, mas da diáspora que, a partir da resistência e criatividade, faz com que eu, mulher, professora, educadora e escritora negra, crianças de terreiro, divindades infantis (os êres) do sul da Bahia e artistas negros norte-americanos admiremos valores comuns. Inclusive, a festa de erê, outras celebrações e a construção da nossa casa acontece a partir da adesão de princípios semelhantes aos de Kwanza.

Os princípios de Kwanza – Umoja (unidade), Kujichagulia (autodeterminação), Ujima (trabalho coletivo e responsabilidade), Ujamaa (cooperação econômica), Nia (motivo), Kuumba (criatividade) e Imani (fé) – podem ser associados aos valores que sustentam a Casa de Oyá, pois, motivados por celebrar a infância, a partir da *Festa de erê: dia de agradecer*, nós nos reunimos para elaborar a programação; nos organizamos para captar recursos para arcar com os custos da festividade; de maneira responsável, trabalhamos de modo coletivo na limpeza e organização dos espaços, preparação das comidas, produção dos registros, recepção dos convidados e criamos contações, leilões, brincadeiras e artesanatos, conforme apresentado nas imagens a seguir.

Figura 9 - Mulheres criam os xequerês tocados durante a festa (princípio da criatividade) - Ilhéus – BA





Fonte: Acervo pessoal da Casa de Oyá (2024).

Figura 10 - Pai Olu-Igbo e Lis Campos organizam a brincadeira nos tecidos e garantem a segurança das crianças (princípio do trabalho coletivo e responsabilidade) - Ilhéus – BA



Fonte: Acervo pessoal da Casa de Oyá (2024).





Figura 11 - Filhas e mãe mantêm a prática iniciada pela avó Joana que já realiza o caruru (princípio da fé) - Ilhéus – BA



Fonte: Acervo pessoal da Casa de Oyá (2024).

Figura 12 - O leilão que acontece como uma das estratégias para arrecadar fundos para construção da casa ou arcar parte dos custos da festividade (princípio da cooperação econômica) - Ilhéus – BA



Fonte: Acervo pessoal da Casa de Oyá (2024).

Conheci um pouco mais a comunidade de que faço parte. Aprendi junto a eles. E, em breve, estarei em outra festividade contando novas histórias na certeza de estar colaborando com a construção de uma comunidade mais sensível, justa e cheia de aprendizagens:





[...] uma das formas de nos tornarmos uma comunidade de aprendizagem é compartilhar e receber as histórias uns dos outros; é um ritual de comunhão que abre nossas mentes e nossos corações. Quando compartilharmos de formas que contribuem para nos conectar, conhecemos melhor uns aos outros (hooks, 2020, p. 92).

Como artista da palavra, educadora e filha da Casa de Oyá, para além do entretenimento, contei histórias compreendendo que colaboro com a sustentação da missão de uma casa de orixá que se demonstra aberta a se conectar com uma diversidade de histórias, conectar pessoas e educar para o respeito às diferenças a partir da arte de contar histórias. bell hooks (2020, p. 94) destaca que “[...] a vida é sustentada por histórias. Uma forma poderosa de nos conectar com o mundo diverso é ouvindo diferentes histórias que nos contam. Essas histórias são o caminho para o saber [...] elas contêm o poder e a arte da possibilidade. Precisamos de mais histórias.”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que contar? Como contar? Por que contar? Retomo as questões apresentadas no início do relato de experiência para reafirmar o compromisso em contar histórias que valorizam a cultura afro-brasileira, a inclusão e o respeito aos mais velhos e às mais velhas, de maneira lúdica, poética e criativa. É essencial alinharmos a palavra escrita e oral, bem como os valores presentes nas religiões de matriz africana. Escolho contar histórias no terreiro a partir das histórias que conheci via oralidade e das histórias lidas em livros escritos por mãos negras.

Considerando que boa parte das crianças que ouviram as histórias são oriundas de bairros periféricos onde inexistem bibliotecas públicas ou de escolas que possuem um escasso acervo literário, principalmente se tratando de literatura escrita por autores negros, penso que a atividade promovida pela Casa de Oyá tenha sido impactante para muitas delas. As crianças puderam conhecer protagonistas negros que superaram dificuldades, tiveram acesso a direitos e tornaram-se pessoas prósperas das histórias ou as auxiliem na construção na elevação da sua autoestima.

Mãe Oyá nos ensina que o que fazemos de bom no terreiro devemos estender a outros espaços. Nessa perspectiva, espero que o presente trabalho colabore com a efetivação e ampliação da Lei 10.639/2003, atualizada pela Lei 11.645/2008. Educadores, ativistas e artistas da palavra têm nesse relato repertório que podem inspirar ações educativas parecidas.

Haverá outra edição da *Festa de erê: dia de agradecer* no mês de outubro de 2025, e está previsto para esse dia mais contação de histórias. Penso que em um futuro próximo, com o





apoio de políticas públicas, poderemos tornar essas atividades mais corriqueiras devido à sua importância social.

Por hora, guardo memória do fortalecimento de valores como a fé, a esperança, a identidade e a solidariedade. Na festa de erê, as histórias receberam nossa atenção ao fazerem conexão com a existência de pessoas com deficiência visual que não possuem acesso ao Braille e a exclusão dos idosos dos espaços de sociabilidade. Vibramos com o final feliz da história de Tainá e dos sete irmãos.

Poderia finalizar o relato de experiências pontuando a recepção das pessoas, mas optei pelo nós por considerar que a experiência de contar essas histórias teve caráter ético também para mim, pois “[...] a contação de histórias é por excelência uma oportunidade e uma vivência para a construção da personalidade ética de quem ouve, mas também de quem conta histórias” (Ramos, 2010, p. 95).

REFERÊNCIAS

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em: 22 maio 2022.

BRASIL. Lei 11.645/2008, de 10 de março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. Brasília: Presidência da República, 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 8 ago. 2025.

BRASIL. Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010. Institui o Estatuto da Igualdade Racial; altera as Leis nos 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003. Brasília: Presidência da República, 2010. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm. Acesso em: 22 maio 2022.

BRASIL. Lei no 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto da Pessoa Idosa e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.741.htm. Acesso em: 22 maio 2022.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. Entenda o que é idadismo e ajude a combater essa prática discriminatória - MDHC. Brasília: Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2024/junho/entenda-o-que-e-idadismo-e-ajude-a-combater-essa-pratica-discriminatoria>. Acesso em: 2 ago. 2025.





BRASIL. Secretaria de Comunicação Social. **Disque 100 registra 657,2 mil denúncias em 2024 e crescimento de 22,6% em relação a 2023.** Brasília: Secretaria de Comunicação Social, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2025/janeiro/disque-100-registra-657-2-mil-denuncias-em-2024-e-crescimento-de-22-6-em-relacao-a-2023>. Acesso em: 2 ago. 2025.

BRITTO, Vinícius; GOMES, Irene. Censo 2022: número de pessoas com 65 anos ou mais cresceu 57 % ou mais em 12 anos. Agência IBGE Notícias, [S.I.], 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38186-censo-2022-numero-de-pessoas-com-65-anos-ou-mais-de-idade-cresceu-57-4-em-12-anos>. Acesso em: 2 ago. 2025.

HOOKS, Bell. **Ensinando pensamento crítico:** sabedoria prática. São Paulo: Elefante, 2020.

HORA, Kaliana Oliveira da. **O céu de Carol.** Ilustrações de Stela Maria. [S.I.]: [s.n.], 2021.

FERREIRA, Tarcísio. **Exu.** Rio de Janeiro: Aruanda, 2022.

KILEUY, Odé; OXAGUIÃ, Vera. Erês. In: BARROS, Marcelo (org). **O Candomblé bem explicado:** noções Bantu, Iorubá e Fon. RJ: Pallas, 2009. p.327-329.

MEDEARIS, Angela Shelf. **Os sete novelos:** um conto de kwanza. Ilustrações de Daniel Minter. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

OLIVEIRA, Kiusam Regina; TRANCOSO, Joelma dos Santos Rocha. Pedagogia eco-ancestral: caminhos para (r)existência de infâncias negras. **Arquivo Brasileiro de Educação**, Belo Horizonte, v. 8, n. 17, p. 10-26, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5752/P.2318-7344.2020v8n17p10-26>. Acesso em: 2 ago. 2025.

OLIVEIRA, Kiusam Regina. Literatura negro-brasileira do encantamento e as infâncias: reencantando corpos negros. **Feira Literária Brasil – África de Vitória - ES**, Vitória, v. 1, n. 3, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/fplibav/article/view/29029>. Acesso em: 2 ago. 2025.

RAMPAZO, Alexandre. Anderson de (ilustrador). **A neta de Anita.** Ilustrações de Andreson Oliveira. Belo Horizonte: Mazza Edições: 2017.

RAMOS, Luiz Felipe da Matta. A contação de histórias sob uma perspectiva ético-antropológica. In: TIERNO, Giuliano (org.). **A arte de contar histórias:** abordagens poética, literária e performática. 1. ed. SP: Ícone, 2010. p. 89-96.

SILVA, Avani Souza. A África recontada para crianças. Ilustrações de Lila Cruz. São Paulo: Martin Claret, 2020.

TIERNO, Giuliano. Pegadas reflexivas acerca da arte de contar histórias: a teia do invisível. In: **A arte de contar histórias:** Abordagens poética, literária e performática. São Paulo: Ícone Editora, 2010, p.13-28.



Informações do Artigo	Article Information
Recebido em: 25/08/2025	Received on: 25/08/2025
Aceito em: 26/10/2025	Accepted in: 26/10/2025
Publicado em: 04/02/2026	Published on: 04/02/2026
Conflitos de Interesse A autora declarara não haver nenhum conflito de interesse de ordem pessoal, comercial, acadêmico, político e financeiro referente a este manuscrito.	Interest conflicts The author declare that there is no personal, commercial, academic, political or financial conflict of interest regarding this manuscript.
Como Citar este artigo - ABNT HORA, Kaliana Oliveira da. Contar histórias das pessoas negras: experiências intergeracionais vivenciadas em um terreiro de candomblé. Revista Macambira , Serrinha (BA), v. 10 n. 2 (2026), e102011. DOI: https://doi.org/10.35642/rm.v10i2.1748	How to cite this article - ABNT HORA, Kaliana Oliveira da. Telling Black people's stories: intergenerational experiences lived in a Candomblé terreiro. Revista Macambira , Serrinha (BA), v. 10 n. 2 (2026), e102011. DOI: https://doi.org/10.35642/rm.v10i2.1748
Licença de Uso A Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, mesmo que comercialmente, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.	Use license The Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License (CC BY 4.0). This license allows sharing, copying, redistributing the manuscript in any medium or format. In addition, it allows adapting, remixing, transforming and building on the material, even commercially, as long as due credit for authorship and initial publication in this journal is attributed.